

# A MARMOTA.

Publica-se ás terças e sextas (embora seja dia santo), na — **Typographia de Paula Brito** — praça da Constituição n. 64, onde se assigna a 50000 rs. por seis mezes para a côrte; e 60000 rs. para fóra, pagos adiantados. Ns. avulsos, 160 rs.

## A MARMOTA.

### O Governo e a Praça.

(Quentão do dia.)

Correspondencia familiar entre dous amigos.

CARTA III.

PYTHIAS A DAMON.

Prosigo, meu amigo, no exame de suas duvidas, dizendo o meu modo de pensar, sempre no presupposto de satisfazer a uma sua vontade.

O capital de um homem é tudo quanto elle colhe do seu trabalho e guarda para applicar a novo trabalho como instrumento de produção.

Assim, quando Vm. economizando do seu salario 10000 rs. diariamente os ajunta na sua gaveta para ter no cabo de tres mezes uma quantia sufficiente para compra de ferramenta mais aperfeiçoada e conveniente ao seu mister, esse dinheiro assim empregado é para Vm. um capital.

Se Vm. possue algum predio, o que suspeito á vista da sua indole pouco dada a desperdicios, ainda ahí tem um capital, assim como o tem nos escravos que herdou, ou na quantia, que depositou na caixa economica.

## POLKETTINI.

### O FILHO DO PESCADOR

Romance Brasileiro

ORIGINAL

por

ANTONIO GONSALVES TEIXEIRA  
E SOUSA.

(Principiou no n. 1065.)

— Minha senhora, quer que a sirva com um pouco deste bello guisado? deve estar superlativo.

Assim assoprava a voz adocicada de um bello gamenho todo cheio de sil'

— Pois não; si se não incommoda...

— Oh, minha senhora!.. antes com muito gosto. Eis-aqui.

— Minha senhora, á saude das pessoas que lhe estimam.

— Viva.

Tudo isto, ferramenta, predio, escravos, dinheiro a juros tem um valor proprio, intrinseco, tem essas qualidades a que unicamente se pôde applicar a denominação de valor. Querô dizer, correspondem a uma quantidade de serviços prestados a comunidade e retribuidos por ella na devida proporção, e pôdem ser trocados por outra somma de serviços, segundo a estimativa mais seguida, segundo o accordo que se adopte e a convenção que se faça.

Essa troca não se pôde fazer conservando os objectos a sua denominação e fórma que tem, com todas as vantagens, com toda a segurança de igualdade, que em semelhante operação deve haver. Assim, se Vm. quizer desfazer-se da sua casa, porque não lhe convém mais ter o seu capital assim fixado para adquirir escravos, não seria prudente, se permutasse a sua casa por certo numero de escravos; porque então correria o risco de enganar-se na apreciação que fizesse entre essa propriedade de raiz e aquella outra propriedade semovente, visto como, sendo diversa a natureza das duas propriedades, não poderiam comparar-se perfeitamente entre si quanto ao seu valor.

Para que esta comparação se realice com toda a segurança, importa buscar alguma cousa que seja medida commun aos dous objectos. Essa cousa já sabe que é o dinheiro, que paga a importancia da casa, que paga a importancia dos escravos, e dá ás duas transacções o predicado da igualdade que lhes é essencial.

Logo o valor dos seus haveres, meu ami-

— Sr. Jorge, á saude do Augusto e da Sra. D. Laura.

— Oh! a esta sou obrigado.

— A' mesmã.

— Vivam os noivos.

— Vivam, vivam os noivos.

— E que seja por muitos annos, e com muitas felicidades.

— Dos noivos bebo á saude.

— Bravo o verso, bravo...

— Então quem improvisa?... ninguem?

— Então, meus senhores: pois n'uma rapaziada tão luzida não ha quem improvise uma decima?

— Toca a roer as unbas...

— E' boa inspiração...

Um dos da companhia bate as palmas e pede attenção.

— Silencio, meus senhores, silencio...

— Cio... cio... silencio...

— Silencio...

— Oh!..

— Silencio...

— Tudo está calado.

— Mas não o senhor.

— Silencio, meus senhores...

go, corresponde a uma quantia de dinheiro, como succede com os haveres de todos os membros da sociedade.

E, portanto, fallamos exactamente, quando dizemos que Vm. possue seis contos de réis, por isso que possue uma casa que vale tres contos, e dous escravos que valem outro tanto.

O dinheiro, por conseguinte, é um termo de comparação entre os diversos objectos, que constituem a propriedade do individuo, desde o seu dia de trabalho como carpinteiro, até o esplendido palacio que custou duzentos contos, ou a fazenda de café, que rende duzentos.

E' uma mercadoria muito real no seu valor, e não dependente do capricho dos homens. Por isso é feito de metaes de maior ou menor preço, conforme a sua qualidade, — de ouro, de prata ou de cobre.

Mas tem-se admitido que o dinheiro ou a moeda seja representada por uma promessa de entregar uma certa quantia; e quem se tem prevalectido desta vantagem são os governos por meio do papel-moeda.

Mas bem vê que são promessas de pagamento, cuja segurança depende da fé dos mesmos governos. Podem correr como moeda, e prestar todos os serviços a que é destinada a moeda, com tanto que o governo que emite essas promessas não as emita em tamanha porção, que pela sua abundancia venham a soffrer na estimativa e no preço, como acontece com todas as cousas quando se offerecem em quantidade maior do que a precisa para uso de um individuo ou de certo numero de individuos; e

Houve um momento de silencio, e logo uma voz disse:

— A' sou poeta d'agua doce, então até quando quer que estejamos calados?

Entre o estrondo de longas risadas alguém disse:

— Ora, meus senhores, silencio por um momento...

— Ah! gosta de versos, minha senhora?

— Muito.

— Então calada; a Sra. D. Julia gosta muito de versos.

— Sinto não ser poeta, minha senhora...

— E para que?

— Para cantal-a em um lindo epicedio...

Dous da companhia sorriram-se, quatro ou seis tiveram um frouxo de riso e o nosso pedante, mais espantado, lhes diz:

— Porque riem? disse eu alguma cousa má? fazem obsequio de dizerem?

— Não; muito pelo contrario: é tão bom o que disseste, que nos obrigou a rir...

— Mas os senhores fazem-me desconfiar.

— Bravo, bravo, desconfiou, desconfiou.

Hoje dir-se-hia mais elegantemente — deu caraco.

contanto também que esse mesmo governo faça o que estiver ao alcance de suas faculdades para conservar em todo o apreço as suas promessas, as suas obrigações, as suas notas.

Já vê que estou lhe fallando de um paiz que esteja nas circumstancias do nosso, isto é, onde o dinheiro corrente é papel-moeda.

O nosso governo tem feito de certo tempo para cá o que lhe cumpre para que as suas notas não baixem no valor, porque não emittiu-as com demasia e porque estabeleceu regras que fixassem esse valor.

Por essas regras determinado está, meu amigo, quo se as necessidades da circulação demonstrarem que o papel-moeda existente é excessivo e que por isso esteja no caso de desappreciar-se, seja recolhida a porção precisa para que não continue a correr esse risco. Também foi estatuido que quatro mil réis em papel ficam equivalendo a uma oitava de ouro de 22 quilates, o que quer dizer que o governo se obrigou a dar a todas as suas notas esse valor.

Supponhamos, porém, meu amigo, que na circulação se apresentam outras notas, emittidas, não pelo governo, mas por associações particulares, e que essas notas também ficam sendo simplesmente promessas de pagamento: o que se hade seguir dahi?

Hade seguir-se que a circulação ficará provida de mais papel do que carecia, e que então todas essas notas do governo e das associações perderão alguma cousa em seu valor, isto é, não equivalerão ao padrão marcado na lei, 4\$ rs. por oitava de ouro.

E' o caso em que presentemente nos achamos.

Esse papel que ahí circula não póde comparar-se com ouro avaliado em 4\$ rs. por oitava. Se Vm. quizer possuir moeda desse metal hade dar por ella tantas vezes 4\$400 quantas forem as oitavas que pezar.

De tudo isto Vm. vai tirar comigo uma consequencia que parece-me infallivel, e é: que a somma dos haveres de cada individuo, computada antes do chegarem as cousas ao estado em que se acham, valia então mais do que agora, visto como a moeda que servia de equivalente e de termo de comparação acha-se privada de parte do seu valor, segundo foi marcado no padrão legal, por

—Ora adeus; mas os senhores riem e quem não me entendeu supportará que eu disse alguma asneira.

—Ora, Juca, não te zangues, disse Augusto.

—Então a decima?

—Ah! sim, a decima, a decima...

#### MOTTE.

*Dos noivos bebo á saude.*

#### GLOSA.

Emquanto sobre esta mesa  
Esta bella companhia  
Desfructa com alegria  
Prazeres da natureza;  
Emquanto... emquanto...

—Emquanto do estro a magreza...  
—Ora, Sr. Moura, deixe que o Sr. Thomaz acabe a decima... Repita, Sr. Thomaz...

—Nada, nada; não digo mais...

—Ora, por quem é, Sr. Thomaz...

—Emfim a senhora manda...

causa da demasiada porção de promessas que entrou para a circulação.

Desta maneira respondo á sua segunda pergunta, meu amigo:

«Porque razão a somma dos meus haveres economizada com tanta difficuldade por espaço de tanto tempo não tem o mesmo valor que parecia ter na época que indiquei?»

Basta por hoje.

PYTHIAS.

#### UM POETA.

Já nem posso fazer um sonotol  
Decididamente tenho a lyra quebrada; se fosse fazer agora alguns versos, chamar-me-hiam poeta do birimbau.

Lá se foi o tempo em que fazia um poema em tres dias; hoje levo 24 horas a escrever duas linhas á minha namorada!

Tambem de pouco serve ser hoje poeta; já passou a época em que Arotino, apesar de ter lingua de um palmo e meio, tinha presentes de Francisco I, era armado cavalleiro por Carlos V, recobria beijos do Papa e dormia como o duque João de Mediceis. Oh! boa óra em que o poeta Brantome fazia rir e era estimado por toda a cõrte de Francisco II!

Mandei imprimir os meus versos, tirei 1000 exemplares, vendi 23, e 977 lá estão dormindo na typographia!

Ena verdade os meus versos não eram maus; nelles fallava no sol, na lua, nas estrellas e nas flores. Já se vê que não fui como o antiquario Camões buscar inspirações em viagens e conquistas!!!

E aqui estou cercado dos volumes das minhas poesias, lastimando a minha sorte, como Mario sobre as ruinas de Carthago!

Entretanto a minha musa nunca fellou mal dos meus semelhantes; a minha lyra era uma especie de boceta de Pandóra, cheia de—apoiados e muito bem!

Elogiei sempre a todos!

Um dia fiz uns versos a um amigo meu que sabira da cadeia; era um homem henrado como Silvio Pellico, mas dahi a dous mezes foi recolhido á prisão por ter furtado um relógio! Bagatella!

#### MOTTE.

*Dos noivos bebo á saude.*

#### GLOSA.

Emquanto sobre esta mesa  
Esta bella companhia  
Desfructa com alegria  
Prazeres da natureza;  
Emquanto a gentil belleza  
Conquista aqui peito rude,  
Eu empinando um almade  
De vinho bem generoso  
Contente, alegre e gostoso  
*Dos noivos bebo á saude.*

—Bravo, bravo... viva o Thomaz...

—A' saude do Thomaz.

—Sr. Thomaz, viva.

—Muito obrigado, minha senhora.

—Agora lá vou eu; queiram ouvir-me, disse um alegre maganão de bom gosto.

—Está bebado.

—Lá vai verso.

—Venham, venham elles.

—Lá vai verso.

—Peior está estal!

Mas emfim já que os vivos repodiam a minha lyra, vou dirijir-me aos mortos; não hade haver defunto que me escape, heide transformar a minha lyra em especie de thurybulo, para incensar-lhes a coval!

Os meus versos serão a mortalha de quanto finado houver por ahí!

E o poeta cumprio a sua palavra como se fosse um Egas Muniz!

Morrando um moleque do seu conhecimento, lhe fez os seguintes versos:

Moleque, adeus, sabichão das turbas,  
Companheiro fiel da praça e rua;  
Deixaste cedo teu cigarro ameno,  
Senti de coração a morte tua.

Lá caminha o Kelé e o Praia Grande,  
E por ti lá pergunta a Forte-Lida,  
E chora o Santa Rita; e tu, moleque,  
Habitas no Cajú, perdeste a vida.

Não te faça um poema; não tens cobres  
Para dares ao poeta e ao coveiro;  
Descança, companheiro do charuto,  
Ficou o teu elogio no tinteiro!..

A. A.

#### DIALOGO

entre os compadres *Buquioto*, da cidade, e o *Bachista*, da roça.

(Con inuação do n. 1065).

Um vulto negro e sinistro, sahindo do um lado desse caracterio, encaminhou-se para o lugar em que me achava. Em certa distancia parou, e ahí guardou o mais profundo silencio.

Trajava uma tunica de seda preta e um manto de velludo da mesma cor, e trazia sobre a cabeça uma grande mitra que lhe cobria toda a testa. Em sua mitra, em letras de fogo, li estas palavras: «*Locum Tormentorum.*» Uma larga faixa de seda a tiracollo, cujas extremidades cahiam até o chão, completava o todo desta horrenda

—Aquillo é bebedeira.

#### MOTTE.

*Dos noivos bebo... á saude.*

#### GOLOSA.

—Goloso será elle...

Emquanto certo poeta  
(Não sei se já lhes contei)...  
Faz versos... também farei  
Minha decima patata...

—Agora unzinho mais curto.

—Fôra o poeta!

—Ouçam, meus senhores, ouçam; o negocio é serio.

—Sim, sim, acabe.

—O que está dito, está dito, eu continuo.

—Vamos a isso.

Emquanto cada um se affecta...

—O' homem, esse tambem nasceu nos dias grandes.

—E' verso e companhia...

figura, que me fez tremer e abaixar os olhos temendo encaral-a novamente.

Decorridos alguns minutos, em que apenas se ouvia o manso ruído da folhagem das arvores agitadas de quando em quando por uma meiga viração; esse ente sobrenatural, rompendo o silencio, disse-me energeticamente: « Não te surpreenda a minha presença aqui; e nem julgues tambem que te venho offender! » Maravilhado com o que acabava de ouvir, recobrei um pouco de animo; entretanto o vulto proseguio: « Tenho inteira convicção de que cobardemente encaras o painel que agora se offerece a teus olhos; e isso não me causa a minima admiração, conquanto reconheça que és um homem dotado de uma indole positiva, e saiba mais que o ardor pungente das magoas, e os transeis mais amargos da vida, ainda não puderam abalar-te. Todavia reconheço tambem que és um reptil da terra, chamado homem; e portanto dou-te razão vendo-te tremer ao contempares este quadro, revelado com um traço forte e carregado, cuja expressão te faz recuar espavorido. Oh! sim, tens razão de tremer, pois não vês neste recinto um bosque florido, cuja verdura rivalise com o da esmeralda quando lhe reflecte o astro do dia! Não vês um quadro variado de odoríferas e mimosas flores embalsamando o ar; um delicioso leite de delicada rolva convidando ao somno ou doce vigília! Não vês tambem um desses aristocraticos salões esplendidamente illuminados, onde muitas vezes a maldicencia e a calunnia passeiam de braço dado entre bellas mulheres, adornadas de elegantes bellas e blondes, e de brilhantes pedrarias. E' por isso que este quadro não te pôde causar prazer! Entretanto é elle, na minha opinião, um espelho magnifico que patontêa terríveis, mas indubitáveis verdades! E' aqui o lugar onde os vivos deveriam chorar e meditar sobre o arrojio de suas loucuras! E' este o lugar onde estão nivelados os opulentos e os miseráveis, os sábios e os mentecaptos, os fracos e os fortes! E' finalmente onde a flexível lei dos rationaes cede irremissivelmente o lugar á lei do Grande Autor de todos os seres! » Quando o vulto acabou de proferir as ultimas phra-

— Ora deixe-me acabar.

— E' justo; deixem o senhor acabar.

Todavia o bom do poeta continuou assim:

Enxugando o seu almeide  
Entre esta canalha rude,  
Composta de bebarrões,  
Eu cá, com os meus botões,  
Dos noivos bebo á saude.

— Bravo, Snr. Julião, bravo.

— Muito bem, muito bem.

— A' Snr. Julião, visto que tambem faz versos, e se diz geralmente que os poetas não se descurdam de beber; que acontece que o ar do campo desafia muito o appetito, será bom que vme. quando vier a alguma scia fóra da cidade seja só...

— Como assim?

— Quero dizer que não traga outra vez os seus botões, que bebem por doze bebados...

— Bebem como mil diabos! accrescentou outro.

— Snr. Lucio, disse então uma bella senhora e mui grave, tenho lido em manuscripto algumas poesias suas...

ses, sua mitra rolou pelo chão, como qu' arrancada por mão vigorosa!

Elle estremeceu; e eu recuei subitamente um passo, sentindo completa agitação em minha alma. Houve um momento de silencio. A lua escondia nessa occasião a sua face de nacar por entre o véo de uma negra nuvem.

O vulto, collocando novamente sua mitra na cabeça, continuou: « Não reflectas sobre o que acaba de acontecer! Já estou assaz acostumado a ter semelhantes avisos! »

— Vem comigo, Boquirão; quero que saibas aquillo que te fará espavorir; mas nada temas! Vem ouvir pela vez primeira verdades poderosas, que ainda não foram por mim reveladas; segue-me!

— Eu, compadre, até então callado, não perdia tambem uma unica palavra das que esse vulto mysterioso me dirigia; mas agora, convidado por elle para que o seguisse, interrogui-o assim: « Quem és tu, e o que pretendes do mim? » O vulto tornou-me: « Sou quem sou, e só pretendo de ti que me sigas. » Resolvido a não entrar com elle em questões, disse-lhe com força: « Segue adiante! » Com effeito esse monstro pôz-se a andar, e eu atraz delle; mas nunca a elle unido.

Chegámos defronte a um desses tumulos de que já lhe falei, e ahi parámos sem proferirmos uma palavra.

O vulto, tirando a mitra, deitou-a sobre uma lagem que ahi encontrámos; depois, estendendo seu comprido braço forte e determinado, apontou para esse tumulo, dizendo: « Aqui jaz os restos de um homem que possuio abundantemente o mais desejado e precioso de todos os metaes. Esse homem, tendo de entregar á terra o que a ella pertence, fez um volumoso testamento, deixando (como se costuma dizer) toda sua fortuna, não só áquelles cujo sangue lhe corria nas veas, como aos templos e aos necessitados. Sua morte foi pranteada por grande numero de pessoas, algumas das quaes entre soluços e lagrimas, aqui neste cemiterio, em eloquentes elegias, o pintaram como o prototypo da bondade! Finalmente sua falta ainda é hoje sensivelmente lamentada por todos os seus amigos. » (Cont.)

— Nem ha cousa alguma minha impressa, minha senhora.

— Bem o sei; mas não me fará a graça de fazer uma colchêa a um assumpto que lhe eu der?

— Não improviso, minha senhora.

— Escreverá; temos papel e tinta bem perto.

— Pois bem, minha senhora, por servil-a.

— Eis o assumpto:

*Amo a quem não sabe amar,*

*Aborreo a quem me adora.*

Um respeitoso silencio reinou então, e o aspirante da poesia escreveu e leu o seguinte

#### MOTTE.

*Amo a quem não sabe amar,*

*Aborreo a quem me adora.*

#### GLOSA.

Sem um passo recuar  
Bem perto vejo o meu damno!  
E buscando o meu tyranno  
*Amo a quem não sabe amar!*

#### TRADUÇÃO.

— Muita gente censurava a Alexandro Dumas n'aquillo em que nunca o faziam a outros, que o mereciam mais que elle; accusavam-n'o de vaidade pueril, porque, nos dias de gala, trazia muitas vezes sobre o peito uma enfiada ou talabarte do condecorações.

Um dia um sujeito muito conhecido, e que nada tinha de modesto, encontrou em uma reunião o autor do *Monte Christo*, e lhe disse com perliada candura:—Mau caro, não deveis ostentar assim vossas fitas e cruzeiras; pareceis um arco-iris ambulante; sobre tudo esta temivel fita que tem uma côr...

— *A côr das veas da fabula: não é assim?* respondeu Dumas voltando-lhe as costas.

— *M'o. X. é actriz ingenua de um de nossos theatros de vaudevilles.* Fazem n'a representar muitas vezes, e por isso suas companheiras muito a invejam. « Não ha meio algum dizia uma dellas, de ter papeis bonitos: X.. é a favorita do director. »

A joven actriz não se achava longe, e ouvindo sua companheira, cuja conducta era pouco escrupulosa, lhe disse:

— *Em todo o caso, minha querida, mais volo ser uma favorita que um omnibus.*

— *M...* juntava em casa de Mme. Alboni, tinha sido apresentado por um dos homens mais delicados e espirituosos de Paris, que muito o conhecia; mas nem tudo se pôde prever.

Fallou se de Lablache, e deplorou-se a perda deste artista harrigudo.

Felizmente, disse *M...* inclinando-se e com o sorriso nos labios, diante da illustre cantora: felizmente, senhora, que vós nos ficais; não sois vós o Lablache das mulheres?

Safa! La Fontaine teve razão quando disse:

*Mais vale um sabio inimigo  
Que um imprudente amigo.*

#### RESPEITO A VELHICE.

Nos tempos antigos houve um medico na Suissa, chamado Miguel Schappach, cujas

O que me busca alcançar  
Então meus fados deplora;  
Porém quando ella me chora  
Com piedoso coração,  
Lhe insultando a compaixão  
*Aborreo a quem me adora!*

Os bravos e vivas retumbaram por algum tempo: houve saudes, agradecimentos, muitos vivas ao Sur. Lucio, etc., etc.

Finda esta algazarra, um dos nossos *patuscos* disse a Julião:

— O Julião, como é aquelle verso da tua decima, que principia: « Eu cá com?... » Achei graça nestes saltinhos; é bonito, homem... « Eu cá com... »

Houve muitas risadas, ditos jocosos e alguns picantes, como sempre dizem os senhores que *chalanceam*; e mesmo algumas affrontas indirectas, que são levadas em tom de brinco nessas occasiões.

Os nossos leitores mui bem terão previsto que de garrafas se não teriam aqui despejado! E de certo a alegria era já demasiada!

(Continúa.)

maravilhosas curas lhe adquiriram grande reputação de pericia e sciencia. Muitas pessoas, que no tempo em que elle viveu eram mais ignorantes do que hoje, julgaram que empregava alguma cousa sobrenatural, visto ser tão feliz, mas nem porisso deixava de ser visitado e procurado, não obstante os boatos que circulavam quanto aos seus poderes magicos. Em um dia reuniram-se em seu laboratorio diversas pessoas do alta cathedra, que alli chogaram, em parte, senão principalmente, por curiosidade, para conversarem com Schappoch, e verem o resultado de alguns dos seus processos chimicos. Entre essas pessoas achavam-se um marquez francez de manoirs mui desembaraçadas, e um fidalgo russo com sua filha, senhora da maior amabilidade. O francez procurou logo vexar e metter a ridiculo o velho medico; mas vendo que o suizo rebatia tudo o que dizia, deixou de ridicularisal-o. Neste momento o venerando velho de barba branca entrou na sala, e pediu ao doutor um remedio para sua velha mulher, que ora mui pobre e soffria por falta de conselhos medicos, e de commodidades.

Schappoch voltou as suas costas para a companhia illustre, e só attendeu n'aquelle momento ao velho, porque a molestia de sua mulher importava mais do que a curiosidade dos seus visitantes. Enquanto preparava a receita o marquez variou os seus ataques do medico para o velho, e depois de observações impertinentes, propoz appor dezze luizes de ouro, se houvesse uma senhora na sala, que beijasse o camponez com a sua comprida barba branca. A senhora russa pediu uma salva que lhe trouxe um criado, e pondo nella dezze luizes de ouro, ordenou que fosse levada ao francez. Este não ponde deixar de aceitar a aposta; e depositou dezze luizes de ouro com os da senhora. Quando lhe foi restituída a salva, ella sahio do seu lugar, e dirigindo-se para o velho disse-lhe: « Permitti, venerando velho, que eu vos saude a moda do meu paiz: » abraçou-o, deu-lhe um beijo, e presenteou-o com o dinheiro que estava na salva, acompanhando o donativo, com estas palavras: « Recebei isto, como uma lembrança e como um signal de que as meninas russas julgam do seu dever respeitar a volútee. »

B. de C.

### DESAPONTAMENTOS.

Ao sair de um café, pegarmos no chapéo de um visinho, enganando-nos com o nosso que já está um tanto usado, sendo nesse momento advertido pelo dono d'aquelle nosso engano.

\*\*

Quando entramos em uma sala, encontrarmos um inimigo nosso, o não poderemos deixar de o saudar, em consideração aos donos da casa que se acham presentes.

\*\*

Passeiarmos em companhia de uma pessoa de distincção e encontrarmos com certo individuo de classe inferior, segundo attestam os trajés, que nos vem familiarmente cumprimentar, querendo apertar-nos a mão.

\*\*

Ao atravessardes um salão, notais que todos os olhos se fixam em vós, o que attri-

buis a differentes causas mais ou menos li-sonjeiras, até que um dos assistentes vos adverte em voz um tanto alta que a vossa calça acha se aberta em um ponto bastante delicado.

\*\*

Em uma conversa muito animada e no meio de grande numero de moças, percebermos que dissemos uma asneira (qual?) pelo repentino silencio que todos guardaram.

\*\*

Sermos convidados o comparecermos a jantar em uma casa que já nos pertenceu a que fomos forçados a vender para satisfazer a certas necessidades...

### A TRISTEZA.

Já não enfeitá meus labios  
Um sorriso como outr'ora;  
Aquelle doce alegria  
Já no meu rosto não morá

Qual estrellas qu'enfeitando  
Alguns momentos o céo,  
De novamente se occultam  
Deixando-lhe um denso véo;

Foi assim que n'a aurora da vida  
A fortuna cruel me sorrio;  
Foi assim que trazendo o prazer  
O seu astro em meu rosto luzio!

Porém depressa apagou-se  
Esse pharol tão activo;  
Quiz mostrar-me o seu poder  
E dizer-me que era vivo.

Para eu não duvidar  
De que na terra ella existe,  
Iluminou meu semblante  
Tão cadaverieo e tristo!..

.....  
Não queria que a ventura  
Para mim houvesse rido,  
Para depois não chorar  
Por já tel-a conhecido!..

A. J. de C. Junior.

### SIM OU NÃO?

Mulher, permite que de amor to fallo  
Nestes versos meus,  
E consente, archanjo, que eu te chame Omphale,  
Curvado aos pés teus.

As forças alquebrar-me conseguiste  
Com um teu olhar:  
Curvado e tremulo a teus pés me viste  
Amor supplicar.

Duvidar não deves da verdade minha,  
Pois jamais menti;  
Se eu a vida adoro, Omphale lindinha,  
Foi des que te vi.

Não vivia, oh! não gozava a vida,  
Tinha della horror;  
Comecei a amal-a quasi já perdida  
Por te ter amor.

Não te negues, oh! não me fujas, não,  
Te supplico, attende:  
Este amor recresco, e d'um—sim—ou—não  
Meu destino pende.

Com um—sim—que espero desses labios teus  
Vida me darás;  
Com um—não—que digas, juro-te por Deos  
Tu matar-me-has.

Já cancei na luta que travei co'a sorte:  
A victoria é sua;  
Agora imploro, ou da parca o córte,  
Ou clemencia tua.

Bem viste curvar-me ao teu leve aceno  
Para amor jurar-te,  
Como vés-me agora a penar, qual peno,  
Perdão supplicar-to.

Se julgar quizeres meu amor um crime,  
Julga-o muito embora;  
Mas não julgues nunca que eu arrependi-me  
De te amar outr'ora.

Muito embora julgues meu amor mentido  
Adorar-te-hei,  
E de Omphale o nome no final gemido  
A morrer direi!

Thomaz Cameron.

### Sociedade Fluminense

9 — RUA DO SACRAMENTO — 9

Acha-se estabelecida nesta córte uma sociedade — Fluminense — da qual é gerente o administrador Luiz Gomes de Mello, com escriptorio na rua a cima.

Ahi se encontrará todos os dias das 9 horas da manhã ás tres da tarde.

Incumbe-se, por conta da sociedade, de negocios forenses pertencentes á Relação, Tribunal do Commercio e Supremo Tribunal de Justiça, e de quasquer cobranças, negocios administrativos, de solicitar titulos e pagamentos em todas as repartições publicas, e bem assim de quaesquer negocios perante a camara Ecclesiastica.

Para negocios forenses tem habéis advogados, em cujo numero se conta o Exm. Sr. conselheiro Nabuco; assim como solicitadores e habéis agentes fieis e dedicados.

A sociedade tambem se incumbe de trabalhos de demarcação de limites, judicias ou amigaveis, no municipio da córte, tendo para esse fim contracto com engenheiros e agrimensores de confiança.

Ha um livro de lembranças, o quando não seja encontrado o socio gerente, a pessoa que se dirigir á casa indicada, deverá escrever no dito livro o que pretande; certo de que no dia seguinte, ou no mesmo dia, sendo possivel, se lhe dará uma solução.

Na sala da gerencia existe uma tabella do honorario, tanto do gerente, como dos advogados, solicitadores e agentes, que serão pagos adiantados.

Tambem se receberá adiantada a quantia necessaria para exposição dos titulos, sentenças, calculadas pelo socio gerente.

O MONARCHISTA estará sempre prompto para a publicação de todas as decisões dos juizes e tribunaes, apresentação e distribuições dos processos, e pagando-se separadamente a publicação de memorias, razões de appellação, consultas, pareceres, queixas de denuncias, etc. etc.

Sómente o socio gerente fica responsavel por todos os negocios perante a sociedade, e dará mensalmente detalhadas contas de tudo que occorrer.